

**LES237 Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
Universidade de São Paulo**

Grupo: Danilo Menegatti, Gabriel dos Santos, Helena Lima, Henrique Suzuki,
Isabella Campos, Laura de Wit, Lucas Naves
Com contribuições dos grupos e do professor

T2: O conceito de civilidade e as mudanças na agressividade (ELIAS, 1995)

Em seu texto “O desenvolvimento do conceito de civilitéé”, Norbert Elias destaca a emergência do conceito de civilidade no século XVI, expressando uma autoimagem da sociedade ocidental. Elias considera que o ponto de partida individual deste conceito pode ser estabelecido com exatidão, no tratado de Erasmo de Rotterdam (Da civilidade em crianças). Esta obra teve uma difusão intensa com muitas traduções e edições.

A partir da análise deste tratado de boas maneiras, Elias explora o processo de mudança nos costumes ao longo do tempo, considerando diferentes situações da vida social, tais como o comportamento à mesa ou as maneiras para reagir a funções fisiológicas. Trata-se de um molde social, construído e modificado constantemente, o que é essencial para o processo civilizador. O autor evidencia que a sociedade se constitui de indivíduos interdependentes, os quais influenciam e são influenciados pelos padrões e códigos de condutas de determinado espaço e tempo.

Nos dias de hoje, um costume ou uma ação respeitosa é fruto de uma gradativa construção deste processo civilizador, que transforma o que foi considerado no passado como adequado. Desta forma, há uma constante modificação da civilização, com cada indivíduo herdando e transferindo seus costumes e crenças em seu meio social.

De acordo com Elias, a estrutura emocional do homem deve ser considerada como um todo, constituindo um circuito interligado no organismo humano. De maneira muito bem fundamentada, Elias pondera que não há dúvida que sua forma socialmente impressa é decisiva para as ações e reações dos indivíduos. Desta maneira, a estrutura emocional dos indivíduos depende de seu grupo social de pertencimento. Com o processo civilizador, em razão do crescimento das redes inter-relacionamento¹, multiplicam-se as regras de convívio

¹ Neste ponto, é possível relacionar o pensamento de Elias com a ideia da teia de interações proposta por Zigmunt Bauman (2001). Segundo o autor, a “modernidade líquida” caracteriza o momento histórico atual, com as instituições, as ideias e as relações se transformando de maneira muito rápida e imprevisível. Anteriormente, ocorria uma modernidade sólida, associada aos laços de comunidade e de identificação entre as pessoas, que agiam com sentimentos de perenidade e com sensação de segurança.

social, que moldam as atitudes dos indivíduos. Com efeito, estes últimos interiorizam um grande autocontrole das emoções.

Assim, há uma forte redução dos impulsos emocionais e da agressividade nas sociedades ocidentais modernas, o que caracteriza a personalidade de seus indivíduos. Desta forma, as explosões emocionais podem ser tratadas como uma patologia, o que difere bastante do que era aceito na Idade Média. De fato, os indivíduos daquela época sentiam a guerra como fonte de prazer. Desde cedo, as crianças eram treinadas para as batalhas a fim de não temer a morte. A disposição de lutar era amplamente difundida nesta sociedade (em razão de frequentes rixas, vinganças, guerras e duelos), moldando um padrão agressivo e violento de conduta².

Esta última se distancia muito do padrão aceito em nossa sociedade contemporânea. Atualmente, o comportamento moderado, controlado e calculado é enraizado profundamente nos indivíduos, o que impede a liberação das emoções como anteriormente.

Em suma, o processo de civilização da sociedade europeia se caracteriza por mudanças progressistas do comportamento humano. Deste modo, o ser emocional foi gradativamente aprisionado pelo ser racional, culminando com a formação de uma sociedade regida por padrões de comportamento mais disciplinados, previsíveis e pacíficos.

Referências

BAUMAN, Zygmunt (2001), **A modernidade líquida**, Rio de Janeiro: Zahar.

ELIAS, Norbert (1995), **O processo civilizador**. Uma história dos costumes, volume 1, São Paulo: Jorge Zahar.

MORUZZI MARQUES, Paulo Eduardo (2016), “Em defesa de uma sociologia em escala individual”. **Contemporânea**, Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, nº 2, São Carlos: UFSCar, p. 487-492.

² A propósito, um dos grupos de alunos lembra que Thomas Hobbes defendia que o estado de natureza do homem era mal e violento, o que poderia ser controlado com um Estado forte. Pela ótica de Elias, a natureza humana não é má nem boa. É a aprendizagem social que constrói os indivíduos, que podem, por múltiplas razões, desenvolver comportamentos particulares. Certamente, o padrão aceito socialmente é decisivo para a “fabricação social do indivíduo”, tal como discutido em resenha sobre a obra de Bernard Lahire (MORUZZI MARQUES, 2016).